

EBOLA NA FOLHA DE SÃO PAULO (1976-2015): INVISIBILIDADE E DESVALORIZAÇÃO CULTURAL DA ÁFRICA

EBOLA IN FOLHA DE SÃO PAULO (1976-2015): INVISIBILITY AND CULTURAL DEVALUATION OF AFRICA

Lassana Danfá* ; Renata Lira dos Santos Aléssio* ; Ana Raquel Rosas Torres**

* Universidade Federal de Pernambuco; **Universidade Federal da Paraíba; delassanadanfa@hotmail.com; renata.lsantos@ufpe.br; arr.torres@gmail.com

Historia editorial

Recibido: 11-01-2018
Primera revisión: 11-07-2020
Segunda revisión: 22-10-2020
Aceptado: 13-11-2020
Publicado: 18-01-2021

Palavras-chave

Ebola; África; Imprensa; Racismo

Resumo

Este artigo investigou a construção social da/ o ebola via imprensa brasileira à luz da Teoria das Representações Sociais. Os dados foram coletados na Folha de São Paulo, desde o surgimento do vírus (1976) até março de 2015. Foram analisadas 291 matérias, por meio do software IRAMUTEQ. Os resultados mostram mundos léxicos organizados em torno dos discursos especialista e não especialista. O primeiro traduz as hipóteses científicas explicativas sobre o vírus do ebola. Já segundo aponta para a dicotomia ocidente versus África. Os resultados demonstram que a crise da ebola reatualiza a themata do reconhecimento social pela negativa, o essencialismo do africano, alteridade radical, hierarquização cultural e a invisibilidade do africano como protagonista apto a falar de sua realidade.

Abstract

This work investigated the social construction of ebola in the Brazilian press using the Theory of Social Representations. Data were collected in the Folha de São Paulo, since the virus emergence (1976) until March 2015. We found 291 subjects analyzed by IRAMUTEQ software. The results show lexical worlds organized in speech specialist and speech no specialist. The first translates the scientific explanatory hypotheses about the Ebola virus. Already second points to the dichotomy West versus Africa. The results demonstrate that the crisis of the Ebola renews the themata of social recognition by the negative, the essentialization of the African, radical alterity, cultural hierarchy and the invisibility of the African as protagonist habile to speak of its reality.

Keywords

Ebola; Africa; Press; Racism

Danfá, Lassana; Aléssio, Renata Lira dos Santos & Torres, Ana Raquel Rosas (2021). Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África. *Athenea Digital*, 21(1), e2342. <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2342>

Introdução

Os discursos produzidos pela imprensa sobre o “outro” podem ser úteis para reflexão sobre a forma pela qual “nós” nos percebemos. No trabalho ora apresentando exploramos as relações entre alteridade e comunicação à luz da teoria das representações sociais (TRS). Tratamos de um tipo de alteridade diferente da interação face a face (Correia, 2005): a alteridade gerada na interação imprensa-público brasileiros acerca do/a ebola. Adotamos o termo ebola, precedido do artigo feminino para caracterizar a doença e do artigo masculino para caracterizar seu vírus transmissor.

O nome do vírus e da doença tem origem no rio Ebola no antigo Zaire (atual República Democrática do Congo), situado na África Central, onde ocorreu o primeiro surto entre agosto e novembro de 1976. Entre 1976 e 2014, vários surtos ocorreram no Sudão do Sul, nos Estados Unidos (em uma área de zoológico), na República Democrática do Congo, no Gabão, a Costa do Marfim, na Libéria, em Serra Leoa, na Nigéria, no Mali, em Senegal, na África do Sul e em Uganda. Em 22 de março 2014, um grande surto foi notificado pelo Ministro da Saúde da Guiné-Conacri.

O relatório produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou para cerca de 28.712 casos confirmados com 39,6% de mortalidade, ou seja, 11.372 mortes entre 2014 e 2016 (World Health Organization, 2020). Em tempos de crise potencial, como acontece nos casos do surto de ebola, as imagens construídas sobre a África pelos ocidentais podem contribuir para o modo pelo qual os brasileiros percebem os africanos.

Adotamos o conceito de ocidente proposto por Stuart Hall (1992/2018), segundo o qual a expressão ocidente não se refere à acepção geográfica do termo, mas a um tipo de sociedade marcada por valores e modelos de desenvolvimento eurocêtricos. Segundo esta concepção, o ocidente não se limita apenas à Europa e nem todos os países europeus podem ser considerados ocidente. Por exemplo, Turquia não seria ocidente e o Brasil, sim. Esse último devido à adoção de modelos eurocêtricos que privilegiam a cultura supremacista branca em detrimento da pluralidade étnico-racial que compõe o país.

Para Carlos Moore (2010), a imagem que comumente aparece da África diverge daquela de berço da humanidade, de herança cultural e das primeiras civilizações. Os africanos são frequentemente representados como inferiores em organização e pensamento social e como eternos escravos. A escravidão, portanto, criou a ilusão de que os povos africanos e negros não tiveram papéis importantes na história da humanidade.

Assim, esse período sombrio da história humana, o tráfico transatlântico, ajudaram a construir a imagem dos negros como meros coadjuvantes e sem qualquer protagonismo na civilização mundial (Moore, 2007). A escravidão e a colonização, que aconteceram na era das Luzes (marcada por avanços científicos e “civilizatórios”), potencializaram, portanto, a imagem negativa do negro, passando a caracterizá-lo como povo submisso, sujeito-coisa, sujeito-mercadoria, sujeito-sem história, culturalmente “inferior” e na menoridade da razão (Andrade, 2017; Césaire, 1987/2010; Delacampagne, 2002/2013; Diop, 1974; Fanon, 1961/2015; Hall, 2006, 2016; Mbembe, 2018).

A África é aqui tomada como inseparável da negritude, isto porque “se a África tem um corpo e se é um corpo, um isto, é o negro que confere a ela - pouco importa

onde ele se encontra no mundo. Se negro é alcunha, se ele é aquilo, é por causa da África” (Mbembe, 2018 p. 79).

No Brasil, a imagem depreciativa do africano vem acompanhada da crença na insalubridade da África e nos diversos problemas sociais. Nesta perspectiva, o Brasil seria um lugar de salubridade admirável, que foi perdida com a entrada dos africanos escravizados, transformando um país salubérrimo em um país com doenças peculiares. Atribuir aos africanos a responsabilidade pela introdução das doenças epidêmicas, pandêmicas ou endêmicas no ocidente tem sido assim uma construção histórica (Rodrigues, 2012).

Como solução para esse povo visto como uma doença, Abdias do Nascimento (1978/2016) afirma que houve uma “ameaça racial” direcionada aos africanos no Brasil, numa tentativa de extingui-los e, ao mesmo tempo, havia também o engrandecimento da raça ariana, tendo por base a ideologia do branqueamento. A miscigenação foi vista como uma ameaça à pureza racial no Brasil, por isso aconselhava-se a não admissão dos africanos imigrantes no Brasil, evitando o enraizamento da identidade negra.

O Brasil foi assim se constituindo um país eminentemente racista, cuja forma de racismo se assenta no elogio à democracia racial ou mito da democracia racial, enraizado no senso comum brasileiro (Schwarcz, 1993). Trata-se de uma ideia implícita na obra de Gilberto Freyre (1933/2003), segundo a qual “a miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa grande e a mata tropical; entre casa grande e a senzala” (Freyre, 1933/2003, p. 33). Essa ideologia largamente difundida e enraizada no pensamento social brasileiro, naturalizou a condição de baixo escalão do negro na sociedade brasileira, instituiu o negro no lugar da subalternidade e foi um projeto da elite branca dominante do país.

Este modelo de racismo foi denominado por Marcos Eugênio Lima e Jorge Vala (2004) de racismo cordial, cujas manifestações se dão por via da polidez e piadas que instituem o lugar do negro na condição de inferioridade. Há um grande silêncio das qualidades do negro nas instituições brasileiras (escola, mídia e instituições estatais), focando suas atenções nos aspectos negativos. Uma espécie de periferização e uma invisibilização da influência do negro-africano na “civilização brasileira” (Kaly, 2016).

Segundo Kabengele Munanga (2017, p. 41) o racismo à brasileira é “difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em suas expressões e manifestações, porém eficiente em seus objetivos, e algumas pessoas talvez supunham que seja mais sofisticado e inteligente do que o de outros povos”. Essas características do racismo à brasileira se con-

cretizam por meio dos estereótipos definidores de papéis sociais, colocando o negro na condição de subalternidade.

Os estereótipos sociais são entendidos como imagens nas nossas cabeças, em geral selecionadas de acordo com os elementos materiais ou simbólicos fornecidos pela cultura na qual estamos inseridas. Adequamos as informações sobre as pessoas e os respectivos grupos sociais aos tipos já presentes na nossa mente. Para Walter Lippmann (1922), os estereótipos seriam reflexos do tipo de educação e da influência familiar, como por exemplo, os códigos morais e estruturas sociopolíticas. Esse autor resalta também que as imagens favoreceriam mais do que as palavras a concretização dos estereótipos. Por exemplo, as reportagens sobre o continente africano e os africanos são sempre acompanhadas de imagens de caos, guerras, destruição, precariedade e animalidade. Tais imagens vêm sendo construídas desde a Idade Média e perduram até os dias atuais, mantendo-se quase inalteráveis (Oliva, 2011). Aliás, para Henri Tajfel (2001), uma das características dos estereótipos é justamente a ausência da maleabilidade, uma vez que eles são estáveis e resistentes às mudanças.

Para Stuart Hall (2016), a estereotipagem como prática representacional se caracteriza pela exclusão e fechamento, na medida em que fixa limites, excluindo os que não lhes pertencem. A estereotipagem, portanto, “estabelece uma fronteira entre o ‘normal’ e o ‘pervertido’, ‘normal’ e o ‘patológico’, o ‘aceitável’ e ‘inaceitável’, o ‘pertencente’ e o que não pertence ou é o ‘Outro’ entre ‘pessoas de dentro’ (insiders) e ‘forasteiros’ (outsiders), entre nós e eles” (Hall, 2016 p. 192). Assim, a percepção da ameaça, fruto de estereótipos negativos construídos em torno do negro, persiste nas sociedades contemporâneas como demarcador do racismo (Vala et al., 2015).

Anderson Oliva (2011) considera que várias pessoas partilham a imagem mítica da África e dos africanos, composta pelos estereótipos e notícias que circulam no Brasil, que associa os africanos às cenas do tráfico e escravidão, conflitos e guerras, às epidemias e fome, à miséria, à desorganização generalizada e à natureza exótica. Na visão do autor, a mídia escrita desempenha um papel preponderante na perpetuação do conjunto das imagens que constituem este imaginário acerca da África.

Na mesma linha de pensamento, Tânia Müller (2012) afirma que a imprensa brasileira é responsável por colocar em silêncio o racismo, fazendo perpetuar os estereótipos negativos que depreciam cada vez mais os negros, associando-os a trabalhos menos valorizados, atos ilícitos e comportamentos bárbaros.

Conforme apontam Fúvia Rosemberg e Marcelo Andrade (2012), a imprensa desempenha um importante papel na definição de problemas sociais, sobretudo por meio de uma cobertura na qual se cria uma relação de identificação e empatia com um as-

sunto, provocando espetáculo e conseqüentemente chamando a atenção do público para um determinado problema social. Diferentemente da Aids, que rapidamente se transformou em um problema social ao nível global, a ebola, que surgiu primeiro, não assumiu a mesma dimensão. Podemos encontrar pistas de respostas para esse fenômeno questionando o papel da imprensa na transformação e definição dos problemas sociais (Rosemberg & Andrade, 2012).

Neste sentido, é inegável o papel da imprensa na construção do senso comum. No domínio médico-científico, por exemplo, a imprensa constrói a noção de risco por vezes, através da dramatização ou do emprego de metáforas que assemelham um determinado fenômeno a outros males, incitando medo, pânico e pavor. A leitura do risco é motivada não só pela necessidade de ter informações claras, mas, principalmente pela necessidade da proteção psicológica e identitária em relação aquilo que é compreendido como perigoso. A imprensa pode ainda construir a percepção de um risco como distante, associando-o unicamente a determinadas pessoas e grupos sociais (Joffe & Orfali, 2005), o que pode reforçar preconceitos e discriminação com relação às pessoas acometidas por uma determinada enfermidade.

No caso da Aids, por exemplo, Jaime Rodrigues (2012) demonstra que a imprensa contribuiu para reforçar as hipóteses científicas que ligam o vírus ao contato sexual dos africanos com os macacos. Essa associação distanciou o risco do ocidente ao mesmo tempo que em contribuiu para reforçar estereótipos negativos das pessoas negras e africanas, vistas de maneira hipersexualizada e degenerada.

Perante os cenários apresentados acima, propomos explorar a construção do ebola como um fenômeno social através do discurso institucional da imprensa e as questões éticas que norteiam estas publicações jornalísticas, isto é, aquilo sobre o qual se fala, se obscurece ou se silencia a partir das representações sobre a África.

A TRS tem se consolidado como uma importante ferramenta no estudo da construção social das doenças na esfera pública, ilustrando como os processos de saúde e doença traduzem dinâmicas sociais. Ao circular no espaço público, as representações sociais favorecem a comunicação intersubjetiva e desempenham um papel de extrema importância na dinâmica alteritária (Jovchelovitch, 2002). A alteridade é o resultado de um duplo processo. De um lado, de construção, e do outro lado, de exclusão. Esse último processo se relaciona com a alteridade na sua forma radical, na qual a diferença se limita à essência negativa (Jodelet, 2002, 2005).

Sheldon Ungar (1998) identificou a estratégia de projeção do risco no “outro africano” como forma de enfrentar o sentimento de medo e ameaça crescente em relação ao ebola em jornais do Canadá, da Inglaterra e dos Estados Unidos. Hélène Joffe e Ge-

rorgina Haarhoff (2002) investigaram o modo como os jornais britânicos (de referência e tabloide) e seu público leitor construíram o risco em torno da doença na ocasião do surto em meados da década 1990.

Os resultados demonstram que a imprensa levanta o perigo da globalização e do potencial destrutivo do ebola e, ao mesmo tempo, tranquiliza as pessoas diante do perigo potencial, com discursos que levam a crer que o ocidente tem poder de contenção sobre as doenças. Os leitores leigos se sentiram totalmente distantes do risco, chegando a ponto de fazer analogia da ebola com ficção científica no ocidente, com possibilidades de existir apenas na África, lugar que, segundo eles, oferece condições propícias para eclosão e proliferação das doenças.

Os estudos de Ungar (1998) e Joffe e Haarhoff (2002) assinalam dinâmicas alteritárias, consistindo nos processos de categorização social que organizam a construção e a exclusão da identidade, descritos por Denise Jodelet (2002). Essas dinâmicas aparecem nas dicotomias distante-próximo, estilo de vida africano-estilo de vida ocidental, distanciamento-proximidade. Lassana Danfá e Renata Aléssio (2017), por exemplo, mostraram que a cobertura da Revista Veja no Brasil sobre o surto do ebola desvaloriza a cultura africana com a associação dos hábitos culturais dos africanos à proliferação das doenças na África. Os africanos aparecem como “outros” ameaçadores, poluentes e estranhos.

Do ponto de vista teórico-empírico a TRS estuda o racismo a partir de quatro modelos explicativos: “categorização (crença de que a humanidade se organiza de acordo com raças e grupos étnicos); diferenciação (existência de diferenças profundas entre os grupos); hierarquia (determinados grupos permanecem superiores) e essencialização, (diferenças são irreversíveis e pautadas em essências biológicas ou culturais) (Vala, 2013 p. 6.4).

A essencialização aparece atrelada à alteridade radical traduzida em diferentes formas de violência, desprezo, intolerância, humilhação, exploração, estigma, preconceito, etc. Assim, a forma típica e extrema de expressão desta alteridade é indubitavelmente o racismo. Conceituamos o racismo como fenômeno institucional, diferentemente do preconceito racial.

De acordo com essa visão, o racismo é mais que uma atitude negativa, pois que se inscreve nas instituições e no pensamento social de uma determinada sociedade e não é simples reflexo de atitudes individuais, intergrupais ou episódios isolados do preconceito racial (Vala, 2013). Razão pela qual, a luta contra o racismo deve colocar a imprensa brasileira no cerne da questão. Nossa pesquisa se insere dentro de um contexto de comunicação social de um país ex-colonizado, que também escravizou e que fala do

outro africano escravizado por ele, ou seja, um “subalterno”, terminologia utilizada por Gayatri Spivak (2012), falando do outro subalterno que ele mesmo subalternizou através de três séculos de escravidão. Esse processo situa e demarca historicamente a importância política, cultural e social da relação entre africanos e brasileiros.

Aponta-nos ainda, para os sistemas complexos e diferenciados nascidos a partir dessas trocas (Schwarcz & Starling, 2015). Procuramos assim investigar a construção do ebola como um problema social a partir de uma dinâmica alteritária, perspectiva que aparece pouco explorada no âmbito dos estudos em representações sociais e imprensa no contexto brasileiro (Simoneau & Oliveira, 2014). Buscamos analisar os discursos sobre ebola desde a sua primeira aparição no jornal Folha de São Paulo até o final do último surto em 2015.

Método

Procedimento para coleta de dados

Durante o ano de 2015, pesquisamos reportagens no acervo do jornal Folha de São Paulo (FSP) a partir dos descritores “Ébola” ou “Ebola”, sem delimitação de tempo. Foram encontradas 291 reportagens publicadas no período compreendido entre 1976 a março de 2015. A escolha da FSP deveu-se ao fato de ser o jornal diário mais vendido no Brasil e com maior circulação em todo o território nacional, o que permite inferir a grande importância ocupada no cenário da imprensa brasileira.

O jornal diz em seu site que é pautado em um jornalismo plural, apartidário, marcado pela criticidade e independência. A linha editorial da FSP aborda assuntos diversos, envolvendo os editoriais sobre a economia, política, noticiário nacional e internacional, cultura e esporte. Os editores, segundo o site, são plurais e diversificados, cumprindo a função de informar e entreter os leitores. De acordo com as informações do site, a FSP seria um jornal sem cunho ideológico, que favoreceria posições antagônicas. O acervo da FSP é consultável via internet e possui um serviço de busca detalhada por matérias publicadas desde o ano de 1921.

Entretanto, para Jorge Claudio Ribeiro (2006), mesmo quando uma instituição jornalística se declara imparcial constrói a realidade, não se limitando, portanto, à mera reprodução dela. Assim, a objetividade não é suficiente no fazer jornalístico, uma vez que “é necessária a intervenção da subjetividade na composição do fato. O juízo ético, a ideologia, a opinião são pré-condições da abordagem dos fenômenos” (Ribeiro, 2006, p. 10). Na visão desse autor, apesar do caráter político da FSP, ela é uma empresa que

concorre com as outras, visando o lucro. Aliás, “a Folha é um dos jornais em que a feição industrial avançou de forma mais precoce, sendo um dos primeiros a se organizar como empresa no Brasil” (Ribeiro, 2006, p. 55). Por sua vez para Afonso Albuquerque e Ariane Diniz Holzbach (2009), a Folha emergiu alicerçada em uma visão empresarial com ideais capitalistas, visando os interesses mercadológicos.

As seguintes variáveis foram estudadas: presença de imagens, discurso de especialistas, fonte nacional ou de agência internacional, ano de publicação. Do total de 291 matérias analisadas, 88 contém imagens, 50 contém discursos de especialistas (médicos, biólogos, infectologistas, epidemiologistas), 154 provém de fonte de origem nacional (fonte Folha de São Paulo) e 137 são provenientes das agências internacionais de notícias (The New York Times, CNN, Agence France Presse, BBC, El País).

Análise dos Dados

Para a análise dos dados utilizamos o software livre IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). É possível, por intermédio desse software, fazer análise textual no tratamento do material verbal transcrito e ele tem como finalidade a análise de textos, documentos, entrevistas e redações (Justo & Camargo, 2013).

À semelhança do Alceste, realiza uma classificação hierárquica descendente (CHD) gerando um dendrograma de palavras. A CHD, de acordo com Nikos Kalampalikis e Serge Moscovici (2005), tem por objetivo identificar os “mundos léxicos” definidos como o conjunto de palavras que aparecem significativamente associadas entre si e que podem apontar para construção de sentidos. É possível por intermédio dessa análise, interpretar o sentido das palavras através dos seus contextos, chamados de Unidade de Contexto Elementar (UCE) e nomear as classes a partir desta interpretação.

Resultados e Discussão

No dendrograma apresentado na Figura 1, podemos observar que o *corpus* denominado “Notícias sobre o ebola” dividiu-se em três *subcorpora*. O primeiro, que está do lado esquerdo da figura, é formado por duas classes, compartilhando a ideia de uma dimensão política do enfrentamento da doença. A Classe 1, denominada “Mobilização mundial *versus* distanciamento” contém 18,4% das UCEs e a Classe 2, “Histórico, prognóstico e dados epidemiológicos” é formada por 14% das UCEs. O segundo *subcorpora* também é

formado por duas classes, que têm em comum a questão do ambiente onde o ebola se desenvolve ou onde é tratado.

Na Classe 3, “Transnacionalização e pânico global”, estão 20,1% das UCES e a Classe 4, “Olhar exótico e ambientes caóticos”, contém 15%. Esses dois *subcorpora* estão associados a discursos dos não-especialistas. Finalmente, o terceiro *subcorpora* é formado pela Classe 5 e contém os conteúdos discursivos de especialistas, é formada por 32, 4% das UCES e foi nomeada “Hipóteses Científicas sobre Ebola”. A seguir, discutiremos os conteúdos semânticos de cada uma dessas classes, obedecendo a uma organização decrescente do percentual das UCES classificadas.

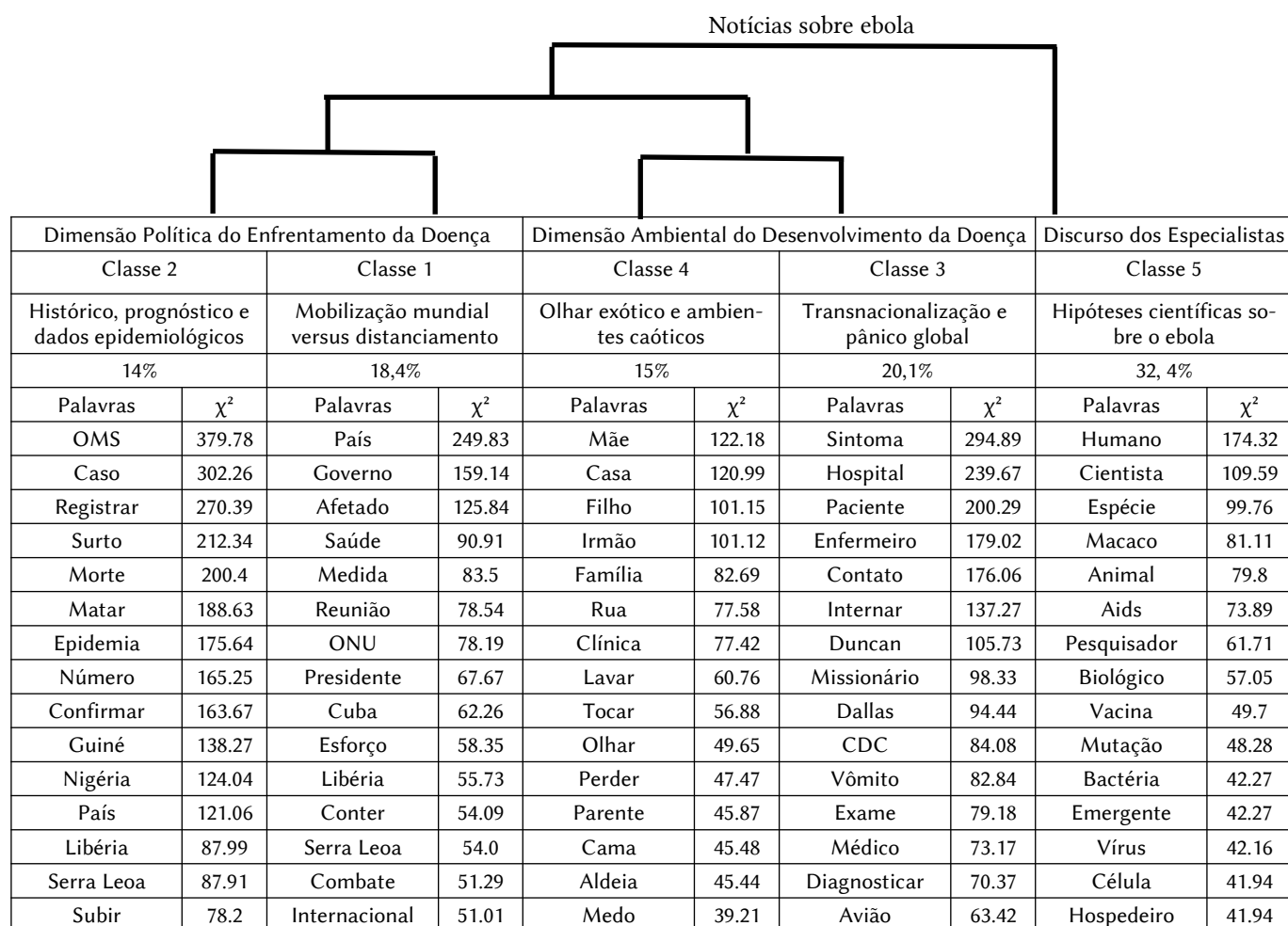


Figura 1. Dendrograma do corpus Ebola

Hipóteses Científicas Sobre Ebola

As palavras mais representativas da Classe 5 (32,4%) são: humano, cientista, espécie, macaco, animal, Aids, pesquisador, biológico, vacina, mutação, bactéria, emergente, vírus, célula, hospedeiro, referindo-se ao universo da ciência e por isso ela foi denominada “Hipóteses científicas sobre o ebola”. O discurso desta classe está centrado no debate dos especialistas sobre o caráter destrutivo do ebola, comparando-o com grandes epidemias como a Aids.

Por meio de analogias (Moscovici, 2012) busca-se ancorar as informações sobre ebola em realidades já conhecidas. O ebola aparece diante de grandes desafios que a ciência precisa enfrentar, apesar dos avanços já conquistados e demonstra a limitação que as doenças emergentes colocam à ciência, nos remetendo a Susan Sontag (1988/2012) no que se refere ao uso da metáfora da companhia militar:

A guerra dos germes micróbios cada vez mais resistentes desafiam conhecimento médico. Cem anos é pouco tempo quando se trata de combater organismos que estiveram evoluindo por muitos milhões deles [...] ironicamente na época em que a ciência mais sabe sobre o funcionamento, estrutura e modo de ação dos agentes causadores de doenças se descobriu que esse conhecimento ainda é pouco. Foi uma lição de humildade dolorosa para quem estava acostumado a vencer seres com um material genético, milhares de vezes menos complexo que o do ser humano (Bonalume Neto, 1995, par.2)

Nesta classe predomina o discurso dos especialistas brasileiros (biólogos, epidemiologistas, médicos etc.). Essas observações corroboram estudo de Joffe e Haarhoff, (2002) na imprensa britânica, que mostra a ebola análoga às doenças catastróficas como Aids, além de atribuir a suposta origem da doença aos macacos das florestas tropicais africanas:

Os que comem frutas são um grupo tão grande que será difícil apontar qual delas constitui o repositório mais potente pode haver mais de uma. Na África “ainda se come carne de macaco” e no passado ocorreram transmissões assim. “Grandes macacos” podem ser infectados pelo ebola da mesma maneira que os humanos eles são vítimas assim como os humanos, portanto, não são o repositório, mas, podem ser a fonte de infecções humanas na fronteira entre o Gabão e o Congo já ocorreram diversos surtos que claramente podem ser associados à caça de “grandes macacos” e ao preparo da “carne” em outros lugares. Não há evidência tão clara disso (Garcia, 2014, par.16)

Nas vizinhanças de uma aldeia onde um chimpanzé morto foi encontrado no chão, a carne dos animais selvagens é muito apreciada pelos nativos da flo-

resta úmida africana e o encontro do animal morto foi celebrado com um verdadeiro festim. (Reis, 1996, par. 1)

Ele é implacável. Em dez dias elimina suas vítimas, num quadro de decomposição física que só tem paralelo em filmes de terror. O supervírus proveniente de macacos africanos transformou-se numa estrela. (Dávila, 1995, par.1)

Com exceção da classe 1, verificamos associação animalesca do ebola em todas as outras classes lexicais, em períodos temporais diferentes. Na classe 3, por exemplo, a matéria publicada em 2014 fez a ligação do ebola com a prática cultural africana do consumo de carne de macaco, conforme observado no trecho a seguir: “a não ser que a pessoa tenha comido morcego ou macaco com o vírus, cuidado de um parente contaminado, tratado de um doente no hospital ou ido a um enterro e manipulado o corpo não há risco de contágio” (Campos Melo, 2014, parágrafo 2). Por sua vez, na classe 4, a associação do ebola com o hábito culinário africano fica claro na matéria “os pacientes foram contaminados em Mayibout, 300 quilômetros a leste de Liberville. Segundo relatos as vítimas começaram a passar mal após terem comido carne de um chimpanzé, outras quatro pessoas disseram só ter ajudado a fazer a comida” (“Teste inicial confirma vírus ebola no Gabão”, 1996, par. 3). Neste sentido, a vinculação animalesca da doença em diferentes períodos temporais reforça a persistência da imagem mítica e estereotipada da África, vinculando-a ao exotismo, ambiente animalesco, caos, desorganização generalizada, precariedade e atraso cultural (Mbembe, 2018; Moore, 2010; Oliva, 2011; Rodrigues, 2012).

A ligação do vírus com os macacos e, por conseguinte, com hábito e estilo de vida dos africanos, não mudou com o tempo, apesar das evidências científicas apontarem para o morcego como o principal hospedeiro. Na publicação da revista *National Geographic* de julho de 2015, David Quammen, fez uma pergunta relevante a colocar nesta discussão: “onde o vírus se esconde no intervalo entre os surtos? Não nos chimpanzés nem nos gorilas, pois os estudos mostram que, com frequência, o ebola é também letal para esses primatas”. A reportagem mostra que o morcego do tipo “*Mops condylurus*” é o principal reservatório do vírus. No entanto, por que não se fala do morcego tanto quanto dos macacos? Podemos estar diante do mecanismo da focalização (Moscovici, 2012) que consiste em dar relevância em determinados assuntos, ignorando ou mantendo distante os outros. A focalização na hipótese do macaco pode ser explicada pela imagem estereotipada, preconceituosa e racista construída sobre o africano no Brasil, fruto da herança escravagista e que se estende nos dias atuais.

Esse discurso parece negar as qualidades humanas dos membros do exogrupo, neste caso, estamos falando da infra-humanização, uma expressão do racismo na qual os membros do exogrupo são vistos como menos humanos que os membros do endo-

grupo (Demoulin et al., 2005). Na reportagem exemplificada no parágrafo anterior, constatamos a persistência da hipótese do macaco, apesar de ela ter sido descartada pelos especialistas da OMS (Quammen, 2015).

Essa persistência pode ser percebida por meio do uso do advérbio “ainda”. Uma vez que todas as vezes que o hábito de comer carnes diferentes (e.g. macacos) aparece remete-se a um suposto atraso cultural dos africanos. Percebe-se a conotação racista e preconceituosa no advérbio “ainda”, visando infra-humanizar e depreciar os africanos e respectivas culturas. É como se dissesse, “nós, os ocidentais”, evoluímos e por isso superamos os hábitos estranhos de consumo de carne de animais como macaco, no entanto, “eles, os africanos”, por não evoluírem e tendo em conta os seus estilos de vida atrasados, “ainda” consomem essa carne.

De acordo com Martin Bauer e Georange Gaskell (2012) o sentido de uma palavra é circunscrito pelo aglomerado de palavras não utilizadas e pelo modo como são combinadas entre si, de modo a criar um conjunto significativo. O valor de cada palavra escolhida se dá ao olharmos para um conjunto de outras que possam substituí-la.

Pode-se dizer que a utilização do advérbio “ainda” é uma das formas de reforçar o preconceito racial, que nos dias atuais se apoia na hierarquização das culturas (Pereira et al., 2003), na qual umas são consideradas superiores, “civilizadas” e mais evoluídas, sendo as outras desacreditadas por permanecerem “ainda” com estilos atrasados de viver.

Lembramos que não somente os países africanos afetados por ebola consomem esse tipo de carne. Na Guiné-Bissau, por exemplo, país que faz fronteira com Guiné-Conacry, país da origem do último surto, também se consome carne desse animal. Por que neste país nunca aconteceu surto de ebola? E por que a imprensa, e notadamente os especialistas que são interlocutores reconhecidos como autoridade para falar sobre a doença, não se dedicam a mostrar esses casos aparentemente “atípicos”?

Isso se deveria ao tratamento tendencioso da imprensa que ao falar de algo silencia outros assuntos. Segundo Bauer e Gaskell (2012) cabe aos analistas do discurso analisar não somente aquilo que é dito, mas também aquilo que posto em silêncio. No caso da imprensa brasileira, observamos uma perspectiva que se limita a olhar a África negativamente, fato que demonstra que o olhar brasileiro nas hipóteses explicativas em torno da doença não difere do olhar ocidental.

A imprensa tem um papel importante na definição de estruturas de relevância, a partir do momento em que seleciona o que é importante colocar em cena para um de-

terminado grupo social, exercendo assim uma função fundamental na amplificação midiática dos significados (Correia, 2005).

A ênfase da mídia em uma dada narrativa se explica pelo fato do jornalismo estar condicionado à cultura e ao contexto social da sua produção (Correia, 2005) que, no caso brasileiro, se traduz pelo racismo estrutural e extensão da marginalização do negro, da escravidão aos dias atuais. Neste sentido, a “notícia jornalística é a representação da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e se manifesta na construção de um mundo possível” (Alsina, 2009, p. 299).

Junta-se a isso, o fato da imprensa responder a dois veredictos, a saber: ao mercado, marcado pelos interesses econômicos e a audiência, por meio da conquista e/ou “sedução” do público. A esses dois veredictos, a imprensa se sujeita às pressões externas do público leitor e dos anunciantes (Bourdieu, 1997). Os argumentos expostos contextualizam a ênfase dos atores sociais (jornalistas e especialistas) na conjectura do macaco como vetor do vírus do ebola para transmissão no humano. Esse animal tem sido frequentemente utilizado na explicação das doenças tidas como provenientes da África, assim foi com a Aids e zika.

Partilhamos 98% de DNA com os macacos, contudo, vinculamos apenas as pessoas negras aos primatas não-humanos. Por que isso acontece? Podemos presumir esta ligação pejorativa pelo fato das pessoas negras serem tidas preconceituosamente como não “civilizadas” ou “incivilizáveis”. Assim como o macaco não evoluiu para se tornar humano, as pessoas negras não conseguiram evoluir a ponto de se “encaixarem” na lógica civilizatória, isto é, não conseguiram acompanhar o processo evolutivo que um ser humano ocidental, por exemplo, conseguiu.

O que significa dizer que nessa lógica a pessoa negra e o macaco são espécies inseparáveis, e, por conseguinte, apoiam os seus comportamentos racistas na ligação pessoa africana/negra macaco. Estamos falando daquilo que Vala (2013) chama da sociogênese do racismo, que consiste em classificar o negro como aquele que não conseguiu evoluir da natureza à cultura, permanecendo na primitividade. Porque sempre a África quando falamos das doenças?

A vinculação do ambiente africano à sujeira, natureza exótica, incivil e “subdesenvolvido” explica a ligação das enfermidades a este continente, o que no nosso olhar também reflete o modo como a ebola é tratada na imprensa brasileira (Danfá & Aléssio, 2017; Oliva, 2011; Rodrigues, 2012; Sacramento & Bastos, 2015).

Transnacionalização e Pânico Global

A Classe 3 (20,1%), que denominamos de “Transnacionalização e pânico global” apresenta como palavras mais representativas: sintoma, hospital, paciente, enfermeiro, contato, internar, Duncan, missionário, Dallas, Centro de controle das doenças nos EUA (CDC), vômito, exame, médico, diagnosticar e negativo.

O vírus que, até então era considerado um problema apenas africano, começou a se expandir com os primeiros casos suspeitos e mortes na Europa, América do Norte e América do Sul, gerando assim um clima de terror e pânico bem como o maior controle dos cidadãos africanos, sobretudo provenientes dos países afetados:

Casa branca pede calma diante do ebola. O governo dos *EUA* afirma ter controle da situação após primeiro caso de paciente diagnosticado com vírus no país hospital em Washington interna homem suspeito de ter contraído vírus ele voltou há pouco tempo da Nigéria. (Vallone, 2014, pará.1)

O discurso desta classe está centrado na internacionalização do vírus ebola, assumindo a dimensão do “cataclismo” coletivo. As barreiras sanitárias das grandes potências podem fracassar da mesma forma que acontece com as africanas. Aliás, numa sociedade de risco (Beck, 1986/2011), não se pode pensar nenhuma catástrofe ou doença como distante, pois as distâncias são cada vez mais encurtadas e ir e vir constituem um dos grandes marcos das sociedades atuais. Segue o trecho de matérias que melhor retrata esta discussão:

Sindicato americano denuncia “falhas” no cuidado de paciente enfermeiros relatam falta de equipamentos para tratar de liberiano diagnosticado com ebola em Dallas, Texas Thomas e Duncan que morreu no dia 8 teria ficado horas em área aberta de Pronto Socorro de hospital. (“Sindicato americano denuncia falhas no cuidado de paciente”, 2014, pará.1)

O conteúdo dessa classe demonstra o importante papel desempenhado pela imprensa na aproximação do risco tido como longínquo, causando terror e pânico nas pessoas (Joffe & Haarhoff, 2002). O discurso dessa classe demonstra apelo para uma ação conjunta em torno do perigo global que o ebola pode acarretar ao mesmo tempo que coloca chance mínima de ser fatal no ocidente, demonstrando um discurso ambivalente.

São observações que se assemelham às de Joffe e Haarhoff (2002), nas quais a imprensa faz aproximar o risco do potencial globalizador do ebola, até então distante para o público leigo, ao mesmo tempo em que o afasta, ao colocar o surto como fatal e

perigoso somente na África, continente “incapaz” de ter o controle que o ocidente tem sobre as doenças.

Esses conteúdos aparecem associados de forma significativa ao discurso dos não especialistas, ou seja, os sentidos em torno da doença são construídos diretamente pela ação dos jornalistas, demonstrando assim o importante papel da imprensa como um dos construtores (*claims makers*) de problemas sociais, sobretudo na sua publicização, chamando a atenção para a sociedade como um todo (Rosemberg & Andrade, 2012).

Vimos, portanto, neste artigo a forma ambígua da imprensa no tratamento dos assuntos polêmicos, ora aproxima, ora distancia, ora aterroriza, ora acalma os ânimos, ora fala, ora silencia, ora informa, ora desinforma/obscurece. O discurso dessa classe tem relação com a classe seguinte, que denominamos “Mobilização Mundial *versus* Distanciamento”.

Mobilização Mundial *versus* Distanciamento

A Classe 1 (18,4%), nomeada “Mobilização Mundial *versus* Distanciamento”, apresenta as seguintes palavras representativas: país, governo, afetado, saúde, medida, reunião, ONU, presidente, Cuba, esforço, Libéria, conter, Serra-Leoa, combate e internacional. Refere-se ao tratamento do vírus como longínquo, à dicotomia países ricos *versus* pobres e às primeiras barreiras sanitárias. Nessa classe, observamos a ambivalência no tratamento ao ebola. Ora ela é colocada como doença longínqua, inerentemente africana, ora é colocada como doença que precisa de uma ação global de enfrentamento.

Os discursos dessa classe foram difundidos, em sua maioria, em 2014, ano do maior surto e no qual ebola atingiu maior número de países além-África. No entanto, a ebola continua sendo tratada como doença longínqua com possibilidade remota de ser fatal fora do continente africano, apesar de todo o apelo a uma mobilização mundial.

Ela é tida como uma catástrofe africana, em virtude de o ocidente ser tratado como a entidade cultural superior, ou seja, tido como lugar com meios mais sofisticados de lidar com males que assolam a humanidade. Por este motivo, a reunião e a mobilização visam dar resposta para que o longínquo não aproxime nem perturbe a ordem e controle que se acredita ter sobre as doenças:

A conferência foi convocada há nove dias pelos presidentes dos países da ALBA-Aliança bolivariana para as Américas, bloco formado por nove países com orientação de esquerda e retórica antiamericana. Além da Cuba destacam-se no grupo Bolívia, Nicarágua, Venezuela e Equador. A Organização Mundial da Saúde (OMS) também enviou representantes ao encontro segun-

do o ministro da saúde de Cuba Roberto Morales. O objetivo fundamental do encontro é o intercâmbio de critérios para enfrentar a doença cada país tem de estar preparado para dar uma resposta se surgirem casos da doença afirmou o ministro cubano na abertura da conferência. Cuba já enviou ao menos 256 médicos e enfermeiros aos países africanos mais afetados pelo vírus Libéria, Serra Leoa e Guiné, a atitude cubana provocou raros elogios dos EUA para a ilha comunista. (“Combate ao ebola aproxima EUA e Cuba”, 2014, pará.2)

A ebola é colocada como doença que afeta mais os países em vias de desenvolvimento porque eles oferecem condições propícias para que as doenças aconteçam e, por isso, com probabilidade remota de ocorrer além-África, ao mesmo tempo em que admitem o risco em países mais desenvolvidos.

O distanciamento é uma forma de lidar defensivamente com ansiedade e insegurança causada por um vírus mortífero (Joffe & Haarhoff, 2002; Joffe & Orfali, 2005). É a mesma imprensa que distancia o ebola para gerir ansiedade do grupo que o aproxima em forma do risco concreto:

Contrações dessa magnitude prejudicam qualquer país, mas são devastadoras em nações já paupérrimas e também por isso a comunidade internacional deveria agir. O Brasil que no governo Lula aproximou-se da África tem sido particularmente omissivo prometeu contribuir com 400 mil dólares, enquanto a china anunciou doação de 36 milhões de dólares e a Índia de 12 milhões de dólares para nada dizer dos 175 milhões dólares dos EUA. Seria bom se o cálculo diplomático de outrora impulsionasse maior ajuda humanitária à altura da projeção que o país quer ter. (“Ebola sem fronteiras”, 2014, pará. 7)

Vimos ainda, nessa classe, a imprensa ligar a ebola com criação das ideias conspiratórias por parte dos cidadãos africanos dos países em surto. A imprensa não contextualiza o que pode estar na origem da conspiração, fazendo entender de forma implícita que a conspiração é fruto das crenças africanas em atribuir doenças às causas sobrenaturais, neste caso, uma cultura que explica as doenças e outras mazelas sociais à luz do misticismo em detrimento das formas científicas propostas por equipes de saúde das agências internacionais:

Em Forecariah na Guiné central vi um agente de saúde ser acusado pela comunidade de inventar essa história de ebola. Outdoors com a mensagem ebola uma realidade precisaria ser espalhada por toda a parte. As principais causas da resistência são a negação da doença, a desconfiança em relação à mensagem oficial e a escolha de alguns por curas religiosas. Visitei hospitais antes lotados hoje com leitos ociosos. (Oliveira Souza, 2015, pará.2)

As acusações direcionadas às agências de saúde e consequente negação da doença por parte das pessoas dos países africanos com surtos da ebola precisam ser contextualizados pela imprensa, cumprindo assim o seu papel ético de informar as pessoas, conforme nos aponta Pedrinho Guareschi (2000). As experiências africanas de lidar com as doenças e as relações de tensão ocidente-África, frutos da colonização e neocolonialismo precisam ser levadas em conta para entender a emergência da “conspiração”.

A “conspiração” acontece porque existe algo que circunscreve a sua existência num determinado contexto. A desconfiança na relação ocidente-África no campo da saúde pode ser resultado de um passado histórico marcado pelas lutas e violências perpetrados pela colonização e escravidão.

A barreira sanitária foi a solução inicial para alguns países de modo a conter o possível risco do vírus. Conforme apontam Joffe e Haarhoff (2002), a tendência de afastar os “poluentes”, é uma estratégia comum quando nos deparamos com crises potenciais como ebola. As medidas sanitárias impostas pelo ocidente não se dão da mesma forma quando comparamos o surto do ebola na África com as doenças em outros continentes.

No caso do ebola, as medidas sanitárias visam fechar fronteiras para entrada dos humanos (africanos), na gripe aviária, que aconteceu na Ásia, a não importação da carne das aves infectadas foi a medida tomada para lidar com o vírus. Por outro lado, as tradições e os costumes asiáticos relacionadas às aves não foram comprometidos e nem se falava da tentativa de suspensão delas (Joffe & Lee, 2004), já as tradições e culturas africanas são inferiorizadas e fazem apelo para suspensão delas.

Esse fato demonstra a forma pela qual o tratamento da ebola não se limita ao olhar clínico, mas constrói inferiorização e tentativa da suspensão das tradições, costumes e traços culturais dos africanos, tidos como atrasados e incivis.

Podemos constatar esse mesmo processo no atual surto de Coronavírus (Covid 19), na medida em que as narrativas construídas pelos meios de comunicação dos países ocidentais evidenciaram de forma inequívoca a tentativa de demonização da China. Neste caso, as más condições de higiene do comércio chinês e os respectivos modos de alimentar, em uma clara insinuação do primitivismo e/ou incivilidade chinesa, estariam na gênese do Covid 19 (Santos, 2020).

Nota-se em ambos os casos, ebola e o covid 19, verificamos a depreciação cultural. Quando se trata dos africanos é a convivência, ambiente caótico e consumo da carne de macaco, e, no caso dos chineses, é a sujeira do mercado e consumo de carne dos animais exóticos a gênese de doenças. A seguir a matéria exemplificativa:

O Canadá anunciou que suspenderá a concessão de vistos a cidadãos de países da África ocidental afetados pelo surto de ebola. A Austrália já tinha tomado decisão parecida criticada pela OMS Organização Mundial da Saúde no começo da semana. (“Canadá suspende vistos a países afetados pelo ebola”, 2014, parágrafo.1).

Este modo de estabelecer as barreiras sanitárias coloca os africanos como subculturas e tem relação com o modelo culturalista (Mayer & Laforest, 1990) de encarar os problemas sociais, atribuindo pejorativamente ao africano a condição da sub-humanidade.

Olhar Exótico e Ambientes Caóticos

A Classe 4 (15%), que denominamos “Olhar exótico e ambientes caóticos”, refere-se ao horror e pânico local, vítimas intrafamiliares e à ideia de desorganização total do continente africano. As palavras que melhor representam esta classe: mãe, casa, filho, irmão, família, rua, clínica, lavar, tocar, olhar, perder, parente, cama, aldeia, medo. As experiências africanas são exóticas na descrição jornalística do ambiente africano, tido como caótico, horrendo e medonho, em contraposição ao ocidente tido como organizado:

Se a mídia não olha para os doentes negros é porque eles não existem nas estatísticas dos seus próprios países ou melhor dizendo eles só existem porque há jornalistas ocidentais dispostos a viajar ao inferno para contar e claro porque existem também médicos e enfermeiros ocidentais que arriscam a vida e encontram a morte para salvar esses fantasmas ironia. O fardo do homem branco é carregar hoje às costas o fardo do homem negro (Pereira Coutinho, 2014, parágrafo.14).

Esse trecho ilustra a forma como os relatos jornalísticos olham o ambiente africano, através de relatos “incríveis” análogos à superação nos esportes radicais, com as equipes de saúde tidas como corajosas, por enfrentarem um ambiente de sofrimento, abismo e desordem generalizada, isto é, condições extremamente desumanas. O relato demonstra a banalização do sofrimento relatados em forma de acontecimentos extraordinários, sensacionalistas e admiráveis.

Ao se debruçar sobre o sofrimento ético-político, Bader Sawaia (2013) chama atenção para a necessidade da mudança de paradigma no modo como os sofrimentos provenientes das exclusões são enfrentados, propondo um novo olhar ao outro em sofrimento que envolve o afeto. Nesse trecho, vimos o olhar compassivo, isto é, uma forma de dominação em que o outro africano é colocado como “coitadinho” que vive em

condições infernais e de extrema superação em que os profissionais de saúde originários do ocidente se aventuram expor em risco suas próprias vidas para salvar pessoas vivendo no “inferno”. Essa forma de relatar as doenças em África demonstra um distanciamento afetivo, olhar estranho e desumano da imprensa, banalizando a morte, estigmatizando estes cidadãos através do olhar de benevolência e exotismo.

A variável mais significativa dessa classe é a presença de imagens nas reportagens retratando um ambiente de terror, podendo assim gerar impacto emocional nas pessoas ao exacerbar e intensificar o pavor, o medo e o pânico (Joffe & Haarrhoff, 2002). Vimos nas reportagens imagens dos funerais, ambiente do desespero nos cidadãos nos hospitais e nas ruas, objetivando assim a ideia do caos generalizado, terror e ambiente horrendo. Como diz Frantz Fanon (1961/2015) os ocidentais vão para África retratar caos com intuito de justificar que os males exacerbam após a colonização, criando a ideia de que desde que lá abandonaram reina caos generalizado, atraso e pobreza extrema.

No olhar da imprensa brasileira, as “grandes pobreza” ou “a verdadeira pobreza” são aquelas que se vivem na África, pois em outros lugares o que se vive são “pequenas pobreza”. Aliás, Joffe (2012) considera que a África desperta atenção popular por ser o lugar de depósito dos males mundiais mal resolvidos. De acordo com Marcus Eugênio Oliveira Lima (2013), as formas da construção do preconceito estão ligadas a modelos de ser ou protótipos, definindo o adequado e o inadequado, nesse caso, o “adequado-civilizado” estaria ligado ao estilo de vida ocidental e o “inadequado-incivilizado” à cultura africana, como o exemplo que se segue:

Médicos e enfermeiros que arriscam suas vidas para cuidar de pacientes que provavelmente morrerão. Faxineiros que limpam jorros de vômito e lixo letais para que centros de saúde sitiados possam continuar funcionando, motoristas que entram em vilarejos devastados pela doença para resgatar pacientes. (Nossiter & Solomon, 2014, par.4)

Percebe-se o tratamento do caos ligado à pobreza, miséria, estilo de vida (“não civilizado”) como condição para emergência das doenças. É como se a opção cultural dos cidadãos deste continente fosse o fator que determina a desorganização total do ambiente, e não reflexo da debilidade econômica, ocasionada pelos problemas estruturais, pelo passado colonial e pelas constantes explorações dos modelos neoliberais e neocolonizadores. Nota-se ainda o relato midiático de forma exótica, colocando o ambiente africano como perigoso, horroroso e amedrontador onde os profissionais ocidentais arriscam suas vidas para salvar vida “menos valiosas”.

Verificamos um dos modelos de alteridade propostos por Denise Jodelet (2005) atuando nessa classe: a alteridade do lado de fora, que concerne aos países, povos e grupos situados num espaço e tempo distante, que se caracteriza pelo distanciamento e um olhar exótico. Verificamos ainda nessa classe, o uso da visão culturalista da imprensa na explicação dos problemas sociais no continente africano. O culturalismo se baseia na ideia de que determinadas culturas são tidas como superiores e cujos membros pertencem a entidade cultural privilegiada. Os problemas sociais são tidos como reflexos de pessoas pertencentes a subculturas, que carregam as doenças e entre outras mazelas (Mayer & Laforest, 1990).

Verificamos o discurso preconceituoso com relação aos cidadãos africanos, assentado na busca de diferenças e hierarquias culturais para explicar sucesso ou insucesso de um determinado grupo sobre o outro (Pereira et al., 2003). A ideia norteadora do preconceito visto nessa classe diz respeito às dicotomias caos *versus* ordem, controle *versus* descontrole, organização *versus* desorganização. O ocidente com ordem e controle, e os africanos vivendo em caos e descontrole total por conta dos seus hábitos e costumes.

Histórico, Prognóstico e Dados epidemiológicos

Na Classe 2 (14%), que denominamos “Histórico, Prognóstico e Dados Epidemiológicos”, as palavras mais representativas são: OMS, caso, registrar, surto, morte, matar, epidemia, número, confirmar, Guiné, Nigéria, país, Libéria, Serra Leoa, subir. Essa classe retrata o processo histórico do surto do ebola, desde os primórdios do vírus até os dias atuais, centrando em diagnósticos, prognósticos e dados epidemiológicos da incidência do vírus em diferentes países, dentre os quais temos Congo, Gabão, Uganda, Guiné-Conacry, Libéria, Serra Leoa. Há uma ênfase no uso frequente dos numerais, o que pode gerar à amplificação do risco (Joffe & Haarhoff, 2002).

A forma de objetivar ou dar concretude ao vírus do ebola nessa classe se dá a partir de relatos de números assustadores, com dados estatísticos elevados, principalmente no último surto em que os números dos infectados e mortes subiram de forma crescente. Essa forma de noticiar as enfermidades na África através de proporções alarmantes não demonstra diferença entre olhar brasileiro e o olhar da imprensa internacional. Essa classe é constituída significativamente pelas notícias provenientes das agências internacionais (New York Times, Gazeta, AFP):

Nesta segunda a Organização Mundial da Saúde, OMS, informou que o número de pessoas infectadas pelo vírus ebola nos três países mais afetados pela atual epidemia Serra Leoa, Guiné e Libéria chegou a 20.081 mais de um

terço dos casos confirmados em laboratório ocorreu em Serra Leoa o país mais atingido no pior surto da doença até hoje. Segundo a agência das Nações Unidas o número total de mortos é de 7 842 a atual epidemia na África Ocidental fez sua primeira vítima há um ano em 28 de dezembro do ano passado o bebê Emile Ouamouno que tinha 2 anos de idade morreu na vila de Meliandou no sul da Guiné. (“Mulher que foi a Serra Leoa tem diagnóstico de ebola na Escócia”, 2014, par.3)

Verificamos nessa classe um panorama histórico do ebola com o reaparecimento do vírus após 19 anos. No entanto, entre 1995 e 2015 aconteceram vários surtos, porém, foram ignorados e conseqüentemente não tratados enquanto problema social, mas como problema exclusivamente africano. A construção do ebola enquanto problema social global dependeu das grandes potências ocidentais para a sua conceituação como problemática global, buscando encontrar a forma de remediá-lo.

Essa construção leva em conta os interesses políticos, sociais, econômicos e dela participam diferentes atores sociais dentre os quais temos: jornalistas, políticos, especialistas, movimentos sociais. O que demonstra que o problema social não é dado e por isso, a sua legitimação depende das referências políticas e técnicas e de pessoas especializadas (Mayer & Laforest, 1990). A construção de um problema social parece ganhar relevância ao beneficiar mais os atores externos a ele do que aqueles que ativamente dele participam (Santos, 1999).

Nota-se que o ebola, enquanto problema social, é definido a partir do olhar ocidental, o que se deve ao fato de eles falarem em nome dos africanos, considerados sujeitos de culturas desfavorecidas, “invisíveis” e cujas experiências de lidar com as doenças são negligenciadas. Aliás, a definição do problema social na visão do autor, extrapola as fronteiras do grupo diretamente atingido, passando a interessar, sobretudo, as principais potências, também interessadas em vantagens econômicas, principalmente nos fármacos.

A forma pela qual a imprensa brasileira organiza os sentidos atribuídos ao ebola se dá em torno de oposições tais como: pureza-impureza, sujeira-limpeza, civilidade-incivilidade, caos-ordem. Em conjunto, os resultados aqui discutidos demonstram que a crise do ebola reatualiza a themata do reconhecimento social, que pressupõe o reconhecimento do outro por uma avaliação positiva ou negativa. Nessa última, o outro é relegado à condição de inferioridade e exclusão (Markova, 2006).

O africano é reconhecido pela imprensa brasileira por um viés negativo, ligado à sujeira, impureza, incivilidade, descontrole. Diferentemente dos estudos da Aids e sífilis, cujas thematas do reconhecimento social foram atreladas às conotações morais, si-

tuadas entre o sagrado e profano, moralidade e imoralidade (Markova, 2006), a temática do reconhecimento social dos resultados aqui apresentados aponta para a hierarquização cultural atrelada às dicotomias superior-inferior, limpa-suja, evoluída-atrasada, pura-impura, civilizada-incivilizada, controlada-descontrolada, rica-pobre.

A expressão dessa hierarquização cultural, sugere um processo psicossocial importante na discussão sobre o racismo na imprensa: a invisibilidade da experiência africana. Assim, o discurso racista se dá principalmente pela ausência do outro africano no debate sobre ebola. Uma forma do racismo que relega aos especialistas negro-africanos à condição periférica e invisível, colocando-os como se fossem incapazes de serem protagonistas hábeis a falar dos respectivos problemas.

Apesar da mídia ser uma instituição de grande relevância social, as notícias jornalísticas são resultantes de uma gama de fatores, envolvendo as agendas político-culturais, as ideologias políticas e suas tensões, adesão ideológica dos profissionais, acontecimentos e prognóstico no tocante ao interesse do público espectador e leitor. Neste sentido, há uma fusão de vários fatores na produção da notícia, o que, por conseguinte, torna a narrativa jornalística um fenômeno socialmente construído, resultado da cognição individual do jornalista, instituição jornalística e cognição social compartilhada (Ferin, 2009; Moscovici, 1961/2012).

Na produção das notícias, os jornalistas são inseridos em um contexto histórico exemplar, no qual opera diversas instituições e a pluralidade dos narradores, que inclui o público (Correia, 2005). Assim “os objetos do mundo social são constituídos dentro de um marco de familiaridade e de reconhecimento [um stock] de conhecimentos disponíveis cuja origem é fundamentalmente social” (Correia, 2005, p. 130).

Na visão de Allain Clemence et al. (2014), a seleção das informações está condicionada a crivos sociais, ideológicos e grupos de referência, inseridos nas circunstâncias sociais marcadas pelas clivagens. Em “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, Moscovici (2012) ressalta a importância do sujeito comum na produção das representações sociais, uma vez que os sujeitos da representação social não são passivos, e sim, participantes ativos na construção do mundo e do pensamento social.

Esses argumentos demonstram que a imprensa não é racista no vácuo social, e sim, dentro de um contexto em que o racismo é estruturante, apesar da larga difusão do mito da democracia racial no Brasil.

Considerações Finais

Em conjunto, os resultados aqui apresentados apontam que a imprensa brasileira representa o continente africano como lugar de mazelas sociais e caos generalizado. Persiste, a ligação da África à precariedade e ambiente animalesco, o que se explica pela função estabilizadora de estereótipos, mantendo consistente as imagens depreciativas sobre os africanos. Outro aspecto importante de enfatizar é o fato que, por meio da veiculação das notícias sobre o último surto do ebola, as crises provenientes do continente africano assumem na imprensa brasileira uma proporção alarmante.

As projeções da doença foram muito pessimistas, chegando a ponto do ebola ser projetado como possível destruidor em massa, contudo somente na África, como se fosse o único lugar onde morrem pessoas de doença, supostamente onde reina o “caos total”.

A exotização, discriminação e a projeção das catástrofes nas culturas fora do ocidente não acontecem apenas com os africanos. À semelhança destes, assistimos a demonização e desvalorização da cultura chinesa na pandemia de Covid19.

Tanto na demonização dos africanos assim como dos chineses criou-se a imagem da cultura exótica e estruturas caóticas. Para os africanos é o caos cultural e estruturas precárias, no caso dos chineses é o caos comercial, nomeadamente a sujeira dos mercados. Preconceituosamente as doenças são ligadas a esses dois povos com os argumentos da sujeira cultural e social, consumo de carne de animais exóticos, por exemplo.

Esses fatos geraram a colocação de chineses como bodes expiatórios, tendo como consequência a hostilização e ataques físicos ao povo chinês na pandemia atual. Aliás, o vírus é pejorativamente apelidado de “vírus chinês”, culpabilizando-os de forma explícita pela propagação da doença, e, por conseguinte, constrói-se um terreno fértil para atitudes preconceituosas.

Há uma atitude ambivalente da imprensa na construção do risco ao potencializar os riscos até então ignorados ou desconhecidos em um “pânico generalizado”, ao mesmo tempo em que os distancia do Brasil e do ocidente em geral. Essa aparente ambivalência revela assim, a construção de uma alteridade radicalizada, um “nós” e um “eles”, sendo “eles”, os africanos, os estranhos, os poluentes. Há o contínuo estranhamento e tratamento essencialmente negativo da cultura africana, vista enquanto conjunto de valores culturais que favorecem a disseminação do vírus do ebola, neste caso, o contato do sujeito africano com o macaco e as suas crenças ou manifestações religiosas.

Observamos ainda, que a ligação do ebola com o macaco como hipótese explicativa não mudou através do tempo, mesmo com sua refutação no campo científico. A ma-

nutrição dessa hipótese tem conotação racista, tanto no discurso dos especialistas brasileiros como no das agências internacionais.

Identificamos a ausência do discurso dos profissionais africanos, da experiência cultural africana e respectivos costumes no cerne da discussão sobre ebola e do continente africano. Os africanos não são tratados como sujeitos de direito, isto é, vistos como incapazes de assumirem o destino dos seus problemas e cujas culturas são relegadas à desapareição. Acreditamos que este estudo poderia contribuir do ponto de vista teórico para a consideração da “invisibilidade” como processo psicossocial a ser explorado no modelo explicativo do estudo sobre racismo e representações sociais.

Como qualquer estudo científico, o trabalho aqui apresentado mostra uma versão parcial e localizada. Constatamos que a utilização de imagens nas reportagens esteve associada ao discurso sobre a África enquanto lugar exótico e caótico, entretanto, não aprofundamos a análise dessas imagens e suas articulações com os textos.

Apesar de ser circunscrito em um jornal, o conjunto de observações aqui apresentado aponta para uma forma de construção social do risco que enseja elementos alteritários, podendo fomentar ou exacerbar preconceito, racismo e discriminação contra pessoas de origem africana. Assim, o nosso estudo fornece uma prova empírica para demonstrar que o racismo é um fenômeno fortemente presente nas instituições midiáticas.

Referências

- Andrade, Érico. (2017). A opacidade do iluminismo: o racismo na filosofia moderna. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 58(137), 291-309.
<https://doi.org/10.1590/0100-512x2017n13704ea>
- Albuquerque, Afonso & Holzbach, Ariane Diniz (2009). Metamorfoses do contrato representativo: jornalismo, democracia e os manuais da redação da Folha de S. Paulo. *Comunicação Mídia e Consumo*, 5(14), 149-170.
- Alsina, Miguel Rodrigues (2009). *A construção da notícia*. Vozes.
- Bauer, Martin & Gaskell, George (2012). Enfoques analíticos para texto, imagem e som. In: George Gaskell & Martin Bauer (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som* (pp. 189-217). Vozes.
- Beck, Ulrich (1986/2011). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Editora 34.
- Bonalume Neto, Ricardo (1995, 24 de setembro). A Guerra dos Germes. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/24/mais!/23.html>
- Bourdieu, Pierre (1997). *Sobre a televisão: Seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Zahar.

- Camargo, Brígido Vizeu & Justo, Ana Maria (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513–518.
<https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Campos Melo, Patrícia (2014, 28 de agosto). Epidemia do “medo” marca o surto de ebola. *Folha de S. Paulo*. <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2014/08/1503037-epidemia-de-medo-marca-surto-do-ebola.shtml?origin=folha>
- “Canadá suspende vistos a países afetados pelo ebola” (2014, 2 de novembro). *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/193701-canada-suspende-vistos-a-paises-afetados-pelo-ebola.shtml>
- Césaire, Aimé (1987/2010). *Discurso sobre a negritude*. Nandyala.
- Clémence, Alain; Green, Eva G., & Courvoisier, Nelly. (2014). Comunicação e ancoragem: a difusão e a transformação das representações. In Angela M.O. Almeida, Maria de Fátima S. Santos & Zeide A. Trindade (Eds.), *Teoria das representações sociais, 50 anos* (pp. 237-258). Technopolitik.
- “Combate ao ebola aproxima EUA e Cuba” (2014, 30 de outubro). *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/193167-combate-ao-ebola-aproxima-eua-e-cuba.shtml?origin=folha>
- Correia, João Carlos (2005). *A teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Livros Horizonte.
- Danfá, Lassana, & Aléssio, Renata Lira dos Santos (2017). Dimensões alteritárias da Ebola no Brasil: Um estudo na revista *Veja*. *Psicologia e Saber Social*, 6(1), 3–12. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.23554>
- Dávila, Sérgio (1995, 29 de janeiro). Ebola. *Folha de S. Paulo*.
https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/29/revista_da_folha/5.html
- Delacampagne, Christian. (2002/2013). *História da escravatura*. Texto & Grafia.
- Demoulin, Stéphanie; Leyens, Jacques-Phillipe; Vaes, Jeroen; Paladino, Paola M.; & Cortes, Brezo P. (2005). Les cas de l’infra-humanization. In Margarita Sanchez-Mazas & Laurent Licata (Eds.), *L’Autre: Regards Psychosociaux* (pp. 73–93). Presses Universitaire de Grenoble.
- Diop, Cheik (1974). *Origem Africana. Mito ou Realidade*. Lawrence Hill.
- “Ebola sem fronteiras” (2014, 04 de outubro). *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/188849-ebola-sem-fronteiras.shtml>
- Fanon, Frantz (1961/2015). *Les Damnés de la terre*. La Découverte.
- Ferin, Isabel (2009). A cobertura jornalística da imigração: para uma teoria da notícia televisiva. *Comunicação e Sociedade*, 15, 191-214.
- Freyre, Gilberto (1933/2003). *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. Global.
- Garcia Rafael (2014, 05 de agosto de 2014). Levaremos meses para deter a epidemia de ebola. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/08/1495843-levaremos-meses-para-deter-a-epidemia-de-ebola-diz-virologista.shtml>

- Guareschi, Pedrinho (2000). *Os construtores da informação: Meios de comunicação, ideologia e ética*. Vozes.
- Hall, Stuart (2006). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (Vol. 93). Editora UFMG.
- Hall, Stuart (2016). *Cultura e representação*. Editora Puc-Rio..
- Hall, Stuart (1992/2018). The West and the rest: Discourse and power. In Tania Das Gupta, Carl E. James, Chris Andersen, Grace-Edward Galabuzi, & Roger C. A. Maaka (Eds.), *Race and Racialization: Essential Readings* (2ª, pp. 85–95). Canadian Scholars' Press.
- Jodelet, Denise (2002). A alteridade como produto e processo psicossocial. In Angela Arruda (Eds.), *Representando Alteridade* (pp. 47–67). Vozes.
- Jodelet, Denise (2005). Formes et figures de l'altérité. In Margarita Sanchez-Mazas & Laurent Licata (Eds.), *L'Autre: Regards Psychosociaux* (pp. 23–47). Presses universitaires de Grenoble.
- Joffe, Hélène (2012). “Eu-não, meu-grupo-não”: Representações sociais transculturais da Aids. In Sandra Jovchelovitch & Pedro Guareschi (Eds.), *Textos em Representações Sociais* (pp. 239–261). Vozes.
- Joffe, Hélène, & Haarhoff, Georgina (2002). Representations of far-flung illnesses: The case of Ebola in Britain. *Social Science & Medicine*, 54(6), 955–969.
[https://doi.org/10.1016/S0277-9536\(01\)00068-5](https://doi.org/10.1016/S0277-9536(01)00068-5)
- Joffe, Hélène, & Lee, N. Y. Louis (2004). Social Representation of a Food Risk: The Hong Kong Avian Bird Flu Epidemic. *Journal of Health Psychology*, 9(4), 517–533. <https://doi.org/10.1177/1359105304044036>
- Joffe, Hélène, & Orfali, Brigitta (2005). De la perception à la représentation du risque: Le rôle des médias. *Hermès*, 41(1), 121–129.
- Jovchelovitch, Sandra (2002). Re(des)coabrindo o outro-para um entendimento da alteridade da teoria das representações sociais. In Angela Arruda (Ed.), *Representando a alteridade* (pp. 69–82). Vozes.
- Kalampaliki, Nikos, & Moscovici, Serge (2005). Une approche pragmatique de l'analyse Alceste. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 66, 15–24.
<https://doi.org/10.3917/cips.066.0015>
- Kaly, Alain Pascoal (2016). A presença-ausência dos árabes e de muçulmanos nos processos de modernização Brasileira: A readequação dos mapas coloniais. *REPOCS - Revista Pós Ciências Sociais*, 13(26), 121–152.
<https://doi.org/10.18764/2236-9473.v13n26p121-152>
- Lima, Marcos Eugênio Oliveira (2013). Preconceito. In Leôncio Camino, Ana Raquel Rosas Torres, Marcos Eugênio Oliveira Lima, & Marcos Emanuel Pereira (Eds.), *Psicologia Social: Temas e teorias* (pp. 589–642). Technopolitik.
- Lima, Marcus Eugênio Oliveira, & Vala, Jorge (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401–411.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

- Lippmann, Walter (1922). *Public opinion*. Harcourt Brace.
- Marková, Ivana (2006). *Dialogicidade e representações sociais: As dinâmicas da mente*. Vozes.
- Mayer, Robert, & Laforest, Marcelle (1990). Problème social: Le concept et les principales écoles théoriques. *Service social*, 39(2), 13–43. <https://doi.org/10.7202/706475ar>
- Mbembe, Achille (2018). *Crítica da razão negra*. n-1 Edições.
- Moore, Carlos (2007). *Racismo & sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Mazza.
- Moore, Carlos (2010). *A África que incomoda: Sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Nandyala.
- Moscovici, Serge (1961/2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Vozes.
- “Mulher que foi a Serra Leoa tem diagnóstico de ebola na Escócia” (2014, 30 de dezembro). *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/202177-mulher-que-foi-a-serra-leoa-tem-diagnostico-de-ebola-na-escocia.shtml>
- Müller, Tânia Mara Pedrosa (2012). Negras e negros: pesquisas e debates. In Roberto Carlos, Borges & Rosane Borges (Eds.), *Coleção Negras e negros: Pesquisas e debates. Mídia e racismo*. (pp. 5-20). ABPN.
- Munanga, Kabengele (2017). As Ambiguidades do Racismo. In: Noemi Moritz Kon, Maria Lúcia da Silva & Cristiane Curi Abud (Eds.), *Racismo e o negro no Brasil, questões da Psicanálise* (pp. 33-45). Editora Perspectiva LTDA.
- Nascimento, Abdias do. (1978/2016). *O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Editora Perspectiva S.A.
- Nossiter, Adam & Solomon, Ben (2014, 09 de setembro). Ebola não poupa sobreviventes de sofrimento em hospital. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/09/1513067-ebola-nao-poupa-sobreviventes-de-sofrimento-em-hospital.shtml>
- Oliva, Anderson Ribeiro (2011). Os africanos entre representações: Viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. *Tempo de Histórias*, 9, 90–114.
- Oliveira Souza, David (2015, 06 de fevereiro). Não é hora de comemorar. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2015/02/1585749-david-oliveira-de-souza-nao-e-hora-de-comemorar.shtml>
- Pereira, Cícero; Torres, Ana Raquel Rosas, & Almeida, Saulo Teles (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: Análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95–107. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100010>

- Pereira Coutinho, João (2014, 21 de outubro). O fardo do homem negro. *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2014/10/1535299-o-fardo-do-homem-negro.shtml>
- “Teste inicial confirma vírus ebola no Gabão, das agências internacionais” (1996, 17 de fevereiro). *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/17/mundo/6.html>
- Quammen, David (2015). Seeking the Source of Ebola. *National Geographic Magazine*.
<https://www.nationalgeographic.com/magazine/2015/07/ebola-epidemic-medical-science-outbreak/>
- Reis, José (1996, 14 de julho). Mosquitos podem transmitir Ebola. *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/14/mais!/27.html>
- Ribeiro, Jorge Claudio (2006). *Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. Olho D'água.
- Rodrigues, Jaime (2012). Reflexões sobre tráfico de africanos, doenças e relações raciais. *Revista História & Perspectivas*, 25(47), 15–34.
- Rosemberg, Fuvia, & Andrade, Marcelo (2012). Infância na mídia brasileira e ideologia. In Ana Maria Jacó-Vilela & Leny Sato (Eds.), *Diálogos em psicologia social* (pp. 285–307). Evangraf.
- Sacramento, Igor & Machado, Izamara Bastos (2015). A imigração como risco para a saúde: Uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ébola. *Comunicação e Sociedade*, 28, 25-47.
[https://doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2269](https://doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2269)
- Santos, Boaventura Sousa (2020). *A Cruel pedagogia do vírus*. Almedina.
- Santos, José Rodrigues dos. (1999). *A propósito das noções de 'problema social e problema sociológico*. Universidade de Évora, Departamento de Sociologia, CIDEHUS.
- Sawaia, Bader Buhiran (2013). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In Bader Burihan Sawaia (Ed.), *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 97–118). Vozes.
- Schwarcz, Lilia Moritz (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. Companhia das Letras.
- Schwarcz, Lilia Moritz, & Starling, Heloísa Murgel (2015). *Brasil: Uma biografia*. Editora Companhia das Letras.
- Simoneau, Adriana Sancho, & Oliveira, Denize Cristina (2014). Representações sociais e meios de comunicação: Produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros. *Psicologia e Saber Social*, 3(2), 281–300.
<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2014.14478>
- “Sindicato americano denuncia falhas no cuidado de paciente” (2014, 16 de outubro). *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/190848-sindicato-americano-denuncia-falhas-no-cuidado-de-paciente.shtml>

- Sontag, Susan (1988/2012). *Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas*. Editora Companhia das Letras.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (2012). *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG.
- Tajfel, Henri. (2001). Stereotypes. In Michel.A. Hogg & Dominic Abrams (Eds.), *Key readings in social psychology. Intergroup relations: Essential readings* (pp. 132–145). Psychology Press.
- Ungar, Sheldon (1998). Hot Crises and Media Reassurance: A Comparison of Emerging Diseases and Ebola Zaire. *The British Journal of Sociology*, 49(1), 36–56. <https://doi.org/10.2307/591262>
- Vala, Jorge (2013). Racisms: Social representations, racial prejudice and normative pressures. *Papers on Social Representations*, 22(1), 1–29.
- Vala, Jorge; Brito, Rodrigo, & Lopes, Diniz. (2015). *Expressões dos racismos em Portugal*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Vallone, Giuliana (2014, 04 de outubro). Casa Branca pede calma diante do ebola. *Folha de S. Paulo*. <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2014/10/1527125-casa-branca-pede-calma-diante-de-chegada-do-ebola-aos-eua.shtml?mobile>
- WHO. (2020). *Ebola virus disease*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ebola-virus-disease>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Usted es libre para Compartir —copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato— y Adaptar el documento —remezclar, transformar y crear a partir del material— para cualquier propósito, incluso comercialmente, siempre que cumpla la condición de:

Atribución: Usted debe reconocer el crédito de una obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios . Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)